

# AUSÊNCIA DO PAI: UMA INTRODUÇÃO AO TEMA

ÂNGELA DE ALENCAR ARARIPE PINHEIRO  
Professora Assistente/Universidade Federal do Ceará

ILMA LOPES SOARES DE MEIRELLES SIQUEIRA  
Professora Assistente/Universidade Católica do Paraná

JÚLIA BUCHER, PhD  
Prof. Adj. da Universidade de Brasília

## 1. Introdução

Diante da incontestável importância do relacionamento pai-filho, crescem em significado os estudos referentes ao assunto, entre os quais situam-se os concernentes à ausência do pai.

Este trabalho visa a explorar, em contexto amplo, as consequências advindas da ausência do pai para os filhos. Resulta da revisão bibliográfica das publicações efetuadas entre os anos de 1975 e 1980, selecionando-se as consideradas relevantes, dentre as acessíveis.

Ausência do pai é aqui entendida como a falta física e/ou emocional do pai para os filhos, de ambos os sexos, resultante de sua morte, divórcio, desquitá ou qualquer outro tipo de separação, temporária ou permanente.

Famílias com pai ausente têm tido um crescente e constante aumento de ocorrência, nos tempos atuais, despertando o interesse de profissionais de Ciências Humanas e, num âmbito maior, de outras áreas mais acessíveis ao grande público, como Cinema, Teatro, Televisão e fonte de Cultura Popular.

Seu estudo científico, portanto, vem resultar em contribuição valiosa para trabalhos preventivos, de acompanhamento e/ou orientação de problemas, que possam surgir e interferir no ajustamento emocional dos membros do grupo familiar em questão.

Não se ousa esgotar assunto de tamanha extensão e complexidade e, sim, oferecer uma visão do tema, que possa servir de base para pesquisas futuras.

Finalmente, o objetivo maior recai na tentativa de oferecer alguns subsídios para a melhoria da compreensão do relacionamento familiar, pelos profissionais cujo trabalho está ligado a essa área. Dispondo de maiores esclarecimentos técnicos sobre o assunto, poderão os ditos profissionais ter atuação mais realista e facilitada, evitando ser o tema encarado drasticamente pela família e possibilitando uma valorização do papel desempenhado pelo pai e pela mãe no equilíbrio emocional dos filhos provenientes desse vínculo conjugal desfeito.

## 2. O Contexto Familiar

Constantes são, atualmente, abordagens literárias, técnicas ou leigas sobre a crise por que passa a instituição familiar. Valores e hábitos modernos, cuja mudança vem ocorrendo muito rapidamente, parecem contribuir para a atual instabilidade da família. Visando a bem situar o tema em estudo, há que se considerar algumas funções básicas da família, a seguir expostas.

Entendem-se por função biológica as atitudes destinadas a assegurar aos filhos um mínimo de nutrição, proteção e crescimento físico e mental, para que sobrevivam, além da função inerente de procriação, fundamental à formação da família. A função econômica, legalmente assumida pelo homem — embora também compartilhada, cada vez mais, pela mulher — refere-se à manutenção material do par e dos filhos.

Além dessas, a família deve proporcionar provisão de afeição, apoio e companheirismo entre seus membros, transmitir elementos de cultura, religião, economia e moral, sendo indispensável considerar sua influência nos diversos aspectos da personalidade de seus membros, principalmente de seus filhos.

Lambert (1972) refere-se à família como sendo a influência formativa sobre a socialização, que fornece à criança os enquadramentos não públicos. Todas essas funções, de algum modo, variam de família para família e de sociedade para sociedade.

Dante do que foi sumariamente exposto, avalia-se, facilmente, a gama de problema que advêm, quando se evidencia algum tipo de conflito na estruturação familiar.

O interesse deste trabalho recai nas consequências daquebra da estrutura familiar pela ausência do pai. Tal decisão não implica no desconhecimento — nem na desvalorização — da importância de outros fenômenos relacionados à família. As razões são de origem prática, pelo reconhecimento da impossibilidade de abordar todos os ângulos do tema.

## 3. O Papel do Pai

Tal qual acontece com a família, os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe vêm sofrendo transformações na sociedade atual. Papéis tais como cuidado e criação dos filhos, até pouco tempo considerados tarefas exclusivas das mães, começam a ser igualmente incluídas entre as tarefas referentes aos pais.

Propunham-se para o pai as tarefas de prover a família economicamente e a parte principal da disciplina e das decisões finais sobre a vida dos filhos. A vida moderna exige a participação da mulher na produção econômica e faz com que as ditas tarefas não mais sejam reservadas exclusivamente ao homem.

Outro fator influente são os incontáveis movimentos de liberação feminina, implicando em revisão do que ora significa papel masculino e papel feminino.

Tudo isso vem contribuindo para mudanças no ambiente familiar, seja para o homem como companheiro de uma mulher, seja para o homem como representante da figura de pai para os filhos.

Em estudo interpretativo, Lamb (1979) considera a necessidade de observar a evolução do papel do pai desde o passado, para compreender seu papel no presente. Enquanto antigamente a criação dos filhos era tida como obrigação da mulher, nos dias atuais grande número de homens vem assumindo papel importante nessa área. Ademais, um crescente número de cientistas sociais está reconhecendo que, em virtude de razões sociais e biológicas, muitas crianças têm dois pais, um de cada sexo.

O fato de serem as mães consideradas responsáveis pela criação dos filhos, acrescenta Lamb, é justificado pelo preconceito profissional e popular de que são elas os únicos agentes socializadores de significância para suas crianças pequenas. O desenvolvimento desse preconceito ocorreu por serem as mães que, tradicionalmente, assumem mais responsabilidade pelo cuidado da criança. Diante disso, os psicólogos fizeram inferências de que as mães tinham influências exclusivamente importantes no desenvolvimento da personalidade de seus filhos, o que foi aumentado pela crença no significado especial das primeiras experiências infantis, uma vez que as mães parecem estar envolvidas numa proporção excessiva nessas experiências.

Lamb observa ainda que apenas a maior quantidade de contato mãe-filho é considerada, negligenciando-se que é a sua qualidade que os faz importantes e é através da qual que o pai pode suprir algumas de suas faltas em quantidade. Uma decorrência desse pressuposto é a falta de pesquisas empíricas sobre a importância afetiva dos pais para os filhos pequenos, iniciadas apenas na década passada. Lamb afirma que os resultados de todos os estudos foram surpreendentes para muitos investigadores:

a. pais podem ser realmente tão competentes e responsivos como mães (Parke, 1979);

b. crianças pequenas desenvolvem claramente *attachments* para ambos os pais, embora alguns bebês procurem preferencialmente conforto com suas mães, quando aflitos (Lamb, 1978). O estudo comprovou o aparecimento de relacionamento entre os dois pais e a criança aproximadamente na metade do primeiro ano de vida.

Tipos diferentes de interação com os filhos são destacados por Lamb (1979), quando os pais assumem papéis sexuais tradicionalmente estereotipados. Segundo sua análise, nas primeiras interações as mães assumem mais as responsabilidades de cuidado, mesmo com os pais presentes e capazes, enquanto a interação com o pai é em geral através de brincadeiras, principalmente as vigorosas e

estimulantes (Parke e Leary, 1976; Yogman, Dixon, Tronick e Brazelton, 1976). Nos meses seguintes, as interações pai-criança continuam caracterizadas por brincadeiras e as mães retêm responsabilidades primárias de cuidado. A partir desses resultados, mães e pais parecem representar para Lamb diferentes tipos de interação para seus bebês.

Para Lamb (1977, *apud* Lamb, 1979), as crianças são expostas no início de sua vida a modelos diferentes de comportamento tradicionalmente masculinos e femininos. No início do segundo ano de vida, dá-se a canalização ou direção da atenção da criança para o comportamento do pai do mesmo sexo. Os pais são primariamente responsáveis pelo início do tratamento sex-diferencial e começam a dar mais atenção a seus filhos e aparentemente retiram-na de suas filhas. Em resposta, os filhos, principalmente homens, desenvolvem preferência pelo pai do mesmo sexo. Segundo o autor, isso pode ser um dos principais fatores para a aquisição de identidade sexual. Apoando essa suspeita, Lamb menciona Money e Enhardt (1972), para os quais a criança adquire um senso de identificação nos 02 ou 03 primeiros anos de vida e o fenômeno mais descrito é o tratamento sex-diferencial recebido durante esse período. Outro autor, Biller (1974), afirma que meninos criados sem o pai tendem a manifestar deficiências de papel sexual e que os efeitos da ausência do pai são especialmente importantes quando o pai é ausente durante a infância.

Observa-se, outrossim, a dificuldade de pais e psicólogos em diferenciar os aspectos de socialização que são necessários para assegurar a aquisição de identidade sexual dos que simplesmente contribuem para a adoção de papéis sexuais tradicionalmente restritivos.

Um dos fatores que contribuem para essa dificuldade é a existência de diversos modelos não tradicionais de masculinidade e feminilidade para as crianças imitarem, o que aumenta a responsabilidade dos agentes contemporâneos de socialização. Tais modelos podem representar um estigma humano melhor de masculinidade e feminilidade do que os das normas contemporâneas.

Finalmente, Lamb vê a figura do pai, além de um modelo masculino, como um agente socializador, criticando o enfoque de o pai ser considerado apenas um modelo masculino. Revelando a importância de presença do pai, sua participação no desenvolvimento e amadurecimento social e da personalidade dos filhos, Lamb sugere a redefinição radical de papéis em dois níveis:

1. papéis partilhados, nos quais o pai e a mãe estejam indiferenciadamente envolvidos na criação e no sustento da criança;

2. papéis reversos, em que pai fica envolvido com os cuidados e a mãe com o sustento.

Alguns autores citados por Morval (1975) parecem assumir posição semelhante à revelada por Lamb:

— necessidade da presença paterna, enquanto objeto de amor, fonte de segurança e figura de identificação (Burlinghen e Freud, 1949);

— o pai como suporte importante para a aquisição de normas sociais (Goodenough, 1957; Heilbrun, 1965);

— o pai como um componente significante no ambiente inicial da criança. Sua interação com a criança estimula a responsividade social e diversos aspectos do seu desenvolvimento inicial, tanto cognitivo quanto motivacional. O pai é considerado como a primeira influência significante no desenvolvimento, desde a primeira metade do primeiro ano de vida dos bebês homens, ao contrário dos pressupostos usuais. A desvantagem sócio-econômica é apontada como fator influente para que as crianças sejam mais vulneráveis aos efeitos da ausência paterna (Pedersen, et alii, 1979).

#### 4. Ausência do Pai

Considera-se ausência do pai como a sua falta física e/ou emocional para os filhos, resultante seja de morte, divórcio, separação, abandono, desquite ou qualquer outro tipo de separação temporária ou permanente.

Para Lamb (1979) existe uma acentuada tendência, nos estudos sobre a ausência do pai, em confundir as influências potenciais, tornando-se impossível diferenciar os efeitos diretos e os indiretos. Alerta, então, que não se deve atribuir um mau ajustamento do filho simplesmente pela ausência do pai, uma vez que pode ser decorrente de fatores indiretos — como o stress econômico e emocional da mãe.

Essa diferenciação parece de grande valia, desde que implica na necessidade de análise mais apurada de cada caso estudado e da correta atribuição causal de problema que venha a surgir para crianças privadas do pai.

##### 4.1. Natureza da ausência

Ao se falar em ausência, está-se referindo à ausência física do pai do local de moradia em que residem os filhos. Para melhor clarificar o assunto, alguns esclarecimentos são formulados sobre os tipos de ausência do pai.

Mussen, et alii (1977) consideram famílias desmembradas aquelas que não contam com a presença do pai por morte, divórcio, abandono do lar, separação involuntária (serviço militar, exigências de emprego, presença intermitente etc.).

Outro tipo de ausência é a que Lamb (1979) comenta, fazendo referência ao trabalho de Blanchard e Biller (1971), que verificaram a ausência psicológica do pai, muitas vezes devida a razões profissionais ou atitudinais, quase nunca dispensando tempo às suas crianças. Consideram que a ausência psicológica e a física são qualitativamente similares.

Morval (1975) caracteriza um outro tipo — ausência prolongada do pai, afirmando que seus efeitos atuam sobretudo em relação ao desenvolvimento do sujeito, na instauração da primeira imagem de si sexualmente adequada e na aparição de comportamento anti-social. Cita, ainda, conclusões de alguns trabalhos:

— mesmo com a compensação do pai por fantasmas idealizados, a criança é apenas parcialmente bem sucedida (Bach, 1946; Burlinghen e Freud, 1943 e

1949; Neubauer, 1960);

— surgimento de ansiedade e sentimento de culpa exacerbado (Berstein e Roby, 1968);

— desenvolvimento desigual e inconsistente, com dificuldade de controle da agressividade, impulsividade e elementos depressivos (McDernott, 1970).

Há que se considerar, por um lado, a existência da ausência do pai caracterizada por sua irreversibilidade — pelo menos em termos de contato físico e real divórcio ou separação (nos casos em que a criança não permanece na mesma moradia que o pai), que não implica, necessariamente, numa total ausência de contato da criança com o pai. Esse contato pode ser intermitente, constante, temporário ou de alguma outra característica. Nos casos de abandono, o que geralmente ocorre é a quebra de relacionamento pai-criança, ou até o total desconhecimento dos mesmos entre si.

Modermott (1968) observou, durante divórcio parental na infância precoce, 16 crianças de 03 a 05 anos, sendo 10 de sexo masculino e 06 do feminino. A pesquisa objetivou verificar a intensidade de tensão gerada pelo divórcio para as crianças, os conflitos e ansiedade despertados e sua manifestação, os recursos de adaptação da criança e a ajuda da escola. Os resultados revelaram que os meninos parecem mais vulneráveis com relação a distúrbios grosseiros de identificação já em processo do que as meninas; algumas crianças, principalmente os meninos, apresentaram tendência para identificar-se com feições patológicas selecionadas dos pais do mesmo sexo.

Netherington (1972) cita uma pesquisa de Nye, na qual é apresentado que a reincidência em delinqüência é associada mais com a ausência do pai por divórcio do que por sua morte. Prosseguindo, Hetherington comenta terem as filhas de pais divorciados preferências por características mais masculinas, embora não participem em atividades masculinas mais do que as filhas de pai ausente por morte. As filhas de divorciados demonstraram procura de proximidade e uma maneira receptiva com o entrevistador, relataram ter maior número de *dating* e intercursos sexuais iniciados mais cedo, e baixo senso de auto-estima.

Morval (1975) cita diversos resultados de pesquisas de ausência do pai, no caso de separação ou divórcio, a saber:

— repercussão sobre a percepção e a auto-estima do menino e contribuição, também, para uma auto-imagem negativa (Clarke, 1964);

— contribuição, nas meninas, para uma identificação feminina limitada (Ostrovsky, 1962);

— aumento das dificuldades interpessoais nos meninos (Miller, 1971);

— ajustamento inadequado para as meninas (Heckel, 1963);

— auto-agressão entre meninas de pais divorciados ou separados (Sears, Pinter e Sears, 1946);

— dependência das meninas em relação às mães (Lynn e Sawrey, 1959);

— filhos de pais separados têm mais problemas de comportamento (Wylie e Delgado, 1959);

— separação ou divórcio afetam mais a criança do que a morte do pai, em consequência da deformação, pela mãe, da imagem do pai, enquanto uma boa imagem do pai falecido pode ser mantida (Schollman, 1959).

Para Nelson e Vanger (*apud* Mussen et alii, 1977), filhas de divorciados têm inclinação a namoro e relações sexuais precoces.

Resultados de pesquisa sobre os efeitos da morte do pai foram relatados por Morval (1975):

— Crianças, filhas de viúvas, apresentam negação consciente e inconsciente da morte, com negação do afeto doloroso, idealização do pai morto e fantasma inconsciente de uma relação com o pai (Wolfenstein, 1966; Wolfenstein, 1969; Nagera, 1970);

— a auto-estima da criança fica atingida com a ausência do pai por morte (Mischel, 1964);

— instauração de sentimentos de culpa, pela fantasia da criança de que seus sentimentos hostis causaram a morte de seu pai (Miller, 1971);

— mulheres viúvas têm maior capacidade de ajudar seu filho a chegar à maturidade normalmente do que as do casamento infeliz (Schoolman, 1969).

De acordo com Hetherington (1972), as filhas de viúvas são tímidas e retraídas; fisicamente tensas; apresentam evitação de maior proximidade de companheiros e adutos do sexo masculino; iniciam namoro mais tarde; apresentam iniciativa sexual quando comparadas a outras meninas; têm conversa relativamente infreqüente e pouco contato de olho, quando entrevistadas; evitam proximidade com o entrevistador na escolha de assunto e orientação corporal; e características de postura rígida.

Morval (1975), cuja pesquisa já foi mencionada diversas vezes por referir-se a citações de outros autores, realizou três estudos utilizando-se do teste do desenho da família real e imaginária, que merecem especial destaque:

Pré-Primeiro Estudo (em colaboração com Lassonde-Fontaine, 1973)

Foi utilizada uma amostra de 10 meninos com 05 anos de idade, com pais separados depois de no mínimo 02 anos, de classe social média e inteligência normal. As crianças viviam com a mãe e tinham ausência de contato com o pai substituto paterno. Foram comparados com 10 garotos da mesma idade, provenientes de famílias unidas. Os filhos de pais separados deram prova de realismo na representação de sua família, mas sentiram, ao mesmo tempo, uma certa culpa em relação ao desacordo dos pais.

Segundo Estudo (em colaboração com Melansosn, 1973)

A amostra foi de 60 meninos e 60 meninas, de 08 a 11 anos de idade, divididos em quatro grupos: dois experimentais compostos de 30 meninos e 30 meninas e dois de controle com 30 meninos e 30 meninas. Os grupos experimentais estavam caracterizados por serem crianças com os pais separados há, pelo menos, um ano e as crianças tendo, no mínimo, 05 anos, na época da separação. A mãe tinha a guarda da criança, não havendo substituto paterno, tendo o pai um certo contato com os filhos. Os componentes do grupo experimental apresentaram desvalorização de si; dificuldade de desenhar a família; certa agressividade dirigida ao pai; reaproximação com a mãe verdadeira para as meninas; procura de

aproximação de um outro pai, pelo menos em termos de identificação. Como conclusão, a autora disse que a ausência do pai causa mais problemas para os meninos do que para as meninas.

#### Terceiro Estudo (em colaboração com Marcoux-Legault, 1973)

O grupo experimental foi de 21 meninos com 08 a 11 anos de idade, cujos pais morreram, no mínimo há um ano, de inteligência normal; com um grupo de controle de 21 meninos da mesma faixa etária, da família e inteligências normais. O grupo experimental não mostrou alteração nas representações conceituais da família, apresentaram tendência a escolher um menino mais jovem como figura de identificação, embora isso pudesse significar uma tendência de desejo de retornar a uma época onde o pai estava ainda presente; ambivalência em relação à mãe e entre culpabilidade e negação do afeto doloroso da perda do pai.

Após esses resultados, Morval apresenta conclusões gerais dos três estudos:

- filhos privados de pai, por qualquer que seja a razão, identificam-se mais com um jovem;
- filhos de pais separados procuram restaurar uma auto-imagem perturbada e manifestam mais ansiedade e ambivalência em relação à figura paterna;
- órgãos de pai apresentam ambivalência em relação a si e à mãe;
- a separação é mais traumatizante do que a morte.

### 4.2 Etapa de Desenvolvimento dos Filhos

Outro fator importante a considerar como de grande influência é a época em que ocorreu a separação.

Alguns estudos sobre tempo e razão de separação, na determinação dos efeitos da ausência do pai em meninos, são citados por Hetherington (1972):

- a separação antes dos 05 anos de idade é mais prejudicial do que a separação tardia (Billar e Bahn, 1971; Hetherington, 1966);
- quanto mais cedo for a separação, maior a incidência de problemas clínicos (Tuckman e Regan, 1966);
- correlação entre a separação dos pais antes dos 05 anos de problemas de delinqüência (Burt, 1929).

Os resultados encontrados por Hetherington (1972) apontaram que os efeitos da separação dos pais, quando ocorrida mais cedo, foram normalmente maiores do que na separação tardia; os efeitos aparecem mais em algumas medidas não verbais de comunicação na entrevista da filha, onde a separação, ocorrida mais cedo, tendeu a incrementar a disparidade entre o comportamento de filhas de viúvas e divorciadas; o tempo de separação tendeu a afetar o comportamento, tanto de filhas de divorciadas como de viúvas, na mesma direção, em medidas observacionais e em atividades criativas.

Há necessidade de ambos os pais estarem presentes na época da resolução do complexo de Édipo que, segundo Freud, ocorre dos 02 anos 05 anos de idade (Bee, 1977). Para a autora, a separação dos pais após os 05 anos parece ter pouco ou nenhum efeito sobre o menino. Seus estudos fundamentam-se na Teoria Freu-

diana, segundo a qual, quando a identificação com o pai ocorre, o menino orienta seu comportamento por sua imagem internalizada do pai e essa imagem fica disponível, esteja o pai fisicamente presente ou não.

Mussen *et alii* (1977) consideram a idade do filho como fator determinante, dizendo que a separação do casal, com afastamento do pai, antes do estabelecimento claro da identificação sexual, acarreta maior dificuldade de identificação masculina, quanto ao papel sexual e à aquisição de traços de modelo sexual. Quando se referem à idade dos filhos, comentam que antes dos 05 anos os efeitos são mais graves. Citam, ainda, a afirmação de Hetherington (1960) de que os efeitos da separação dos pais para os filhos com mais de 05 anos são menos acentuados.

Também para a filha, quando a separação ocorre no início da meninice, os efeitos são mais acentuados (Mussen *et alii*, 1977). Pesquisa realizada por Hetherington (*apud* Mussen *et alii*, 1977) evidenciou que a falta de uma interação construtiva com um pai amoroso e atencioso implica em apreensão e em habilidades inadequadas das meninas para se relacionar com os homens.

Drayton (1978) efetuou pesquisa, visando a verificar se a ausência de um dos pais, dentro da unidade familiar, poderia alterar os relacionamentos dos membros, para a socialização da criança. A sua premissa básica foi de que a ausência do pai, particularmente nos primeiros anos de vida, poderia ter um efeito de diminuição do ajustamento social dos adolescentes. Utilizou amostra de 86 meninos e 28 meninas, entre 15 e 17 anos, dividindo-a em 03 grupos, de acordo com o tempo de ausência do pai: no primeiro grupo, o pai havia se afastado de casa antes dos 07 anos de idade dos filhos; no segundo, entre os 07 e 12 anos e, no terceiro, o pai esteve presente pelo menos até os 12 anos. O "California Test of Personality" foi utilizado com o objetivo de verificar o ajustamento social. Foram conclusões do estudo:

- a ausência ou presença do pai em casa, durante a infância, não afeta significativamente as respostas individuais para as medidas de ajustamento social;
- a ausência do pai, para as meninas, demonstrou que elas apresentaram relacionamentos sociais significativamente inferiores do que as meninas de lares intatos ou qualquer um dos grupos de meninos;
- as meninas tiveram escores significativamente mais baixos do que os meninos, referentes a relações familiares.

Ausência paterna por morte ou divórcio na infância, antes dos 05 anos e entre 05 e 11 anos de idade, foi estudada por Hailine e Feig (1978), com meninas em idade escolar. Comparadas com meninas de pai presente, a amostra da pesquisa mostrou desvianças em algumas medidas de personalidade, como grau de tipificação do papel sexual, atitudes em relação a amor romântico, tradicionalismos do papel sexual, ansiedade manifesta e foco de controle.

### 4.3. Papel Sexual dos Filhos

Oportuno se faz, dentro do tópico referente à influência da ausência do pai sob o papel sexual dos filhos, apresentar algumas idéias contidas em artigo de

Hetherington (1972), sejam do próprio autor ou de outros estudiosos da área:

- não existe diferença em meninos pretos pré-escolares, com relação a dependência, agressão e feminilidade, como função da ausência do pai (Santrock, 1970);
- o pai é a figura mais importante na aprendizagem do papel sexual para a prole de ambos os sexos, tendo em vista o tratamento diferencial de filhos e filhas (Johnson, 1963);
- relevância do papel do pai na tipificação do papel sexual de filhos de famílias intactas (Hetherington, 1967; Mussen e Rutheford, 1963);
- a aquisição pela filha de comportamento feminino e de habilidades específicas envolvidas na interação com homens e, pelo menos em parte, baseada nos esforços e experiências de aprendizagem recebidas em interação com o pai (Hetherington, 1967; Mussen e Rutherford, 1963);
- reflexos da imagem do pai no desenvolvimento subsequente de segurança e respostas culturalmente apropriadas, referentes a relações heterossexuais tardias (Biller e Wiss, 1970);

– pesquisas passadas sugerem que em meninos a separação do pai resulta na ruptura da tipificação do papel sexual, durante os anos pré-escolares. Porém, com o incremento da idade e de interações extrafamiliares, esses efeitos são atenuados ou transformados em masculinidade compensatória. Nas meninas jovens, nenhum efeito da separação do pai foi constatado, exceto um resultado ocasional de dependência muito grande (Hetherington, 1972).

A pressuposição teórica de que os meninos de pai ausente, pela falta de uma figura masculina, podem desenvolver mais uma orientação sexual feminina do que masculina, não foi suportada por French-Wixson (1977), em estudo com meninos latentes.

Bee (1977) diz que a privação terá maior impacto sobre o menino, desde que não tenha um modelo masculino para o processo de identificação. Com relação ao feito em meninas, afirma que na adolescência poderão ter dificuldades em estabelecer relações heterossexuais maduras; podem evitar os contatos com homens ou manifestar um tipo de promiscuidade; podem, também, ser privadas da oportunidade de desenvolver as habilidades sociais necessárias para um relacionamento maduro com o sexo oposto. Bee afirma, ainda, que meninos criados sem pai desenvolvem um certo tipo de feminização em certas áreas, pela falta de uma figura masculina para se identificar, ou ainda pode ser o comportamento da mãe alterado, devido à ausência do pai.

O efeito da ausência do pai em relação aos sexos é, para Mussen *et alii* (1977), mais acentuado para os meninos e menos para as meninas, desde que as mesmas têm a figura do mesmo sexo – a mãe – para se identificar.

A privação paterna leva à desviância ou deficiência no estabelecimento do papel sexual em pelo menos alguns dos meninos criados sem pai (Blanchard e Biller, *apud* Lamb, 1979).

Lamb, Owen e Close-Lansdale (*apud* Lamb, 1979) sugerem que a masculinidade paterna é correlacionada positivamente com a feminilidade da filha, em consistência com a teoria do papel complementar e com a teoria da identificação

com o mesmo sexo, que possui a orientação implícita de muitas das pesquisas contemporâneas sobre a ausência do pai.

#### 4.4. Efeitos Específicos Para Filhos e Filhas

Diversos autores fazem afirmações sobre privação paterna, discriminando-as de acordo com o sexo dos filhos, o que leva a crer que existem efeitos específicos para cada sexo, além de alguns gerais.

Os efeitos da ausência paterna nas meninas, para Hetherington (1973), só aparecem na puberdade, período em que as interações com homens se tornam mais freqüentes. Manifestam-se principalmente pela inabilidade em interagir apropriadamente com homens, mais do que outros desvios para a aquisição de papel sexual adequado ou interações com outras mulheres. Seus resultados sugeriram diferentes padrões nos efeitos da ausência paterna no desenvolvimento de meninos e meninas.

A literatura sobre a ausência paterna, segundo Cox (1976) sugere que crianças privadas do pai são vulneráveis a uma quebra no desenvolvimento intelectual, moral e do papel sexual.

Beissinger (1977), estudando adolescentes de ambos os性os com experiência de privação paterna – por morte, separação ou divórcio – comparados com população sem privação paterna, encontrou entre os primeiros um baixo nível global de auto-estima, um decréscimo nos sentimentos de auto-satisfação e autoaceitação, uma tendência para sentimentos inferiores de aceitação pessoal e uma tendência altamente significativa na direção de sentimentos de inferioridade ou desvalorização como membros familiares.

Para Drayton (1978), as meninas são diferentemente afetadas em relação aos meninos, quando o pai está ausente de casa, sem, no entanto, apresentar detalhes.

Com base na literatura pertinente, Boone (1979) afirma que a ausência prolongada do pai pode afetar muitos aspectos do comportamento de meninos e do desenvolvimento de sua personalidade. Segundo ele, a literatura faz acreditar que meninos criados em lares de pai ausente podem desenvolver mais componentes femininos do que meninos criados em lares de pais presentes, o que parece sugerir que meninos criados em famílias comandadas pela mãe, tendem a exibir tendências homossexuais, dependência, falta de agressividade, agressividade exagerada ou uma combinação desses comportamentos. Seu estudo enfocou as diferenças de comportamento agressivo de meninos com pai ausente de casa e de meninos criados com pai em casa. A amostra constituiu-se de 50 meninos hispânicos, com idade entre 07 e 08 anos, considerando-se as variáveis pai ausente-pai presente e ordem de nascimento como de interesse para o estudo. Eis alguns resultados encontrados:

- meninos caçulas, criados em lares de baixa renda e com pai ausente, exibiram mais comportamento agressivo do que sujeitos primogênitos, medianos ou caçulas de famílias com pai presente;

— meninos primogênitos e medianos de famílias com pai presente pareceram ser mais agressivos do que seus correspondentes em famílias de pai presente.

Os efeitos negativos da ausência paterna nas meninas quase sempre não aparecem antes da adolescência, ao passo que entre os meninos são aparentes muito antes.

Pedersen, et alii (1979), utilizando amostra de 55 crianças com idade entre 05 e 06 meses, classe social baixa, moradores de cidade interiorana, sendo 26 crianças criadas pelas mães solteiras, encontraram os seguintes resultados:

— crianças com um mínimo de interação com seus pais apresentaram resultados significativamente baixos no "Bayley Mental Developmental Index" e em medidas de responsividade social, em reações circulares secundárias e em preferências por estímulos novos;

— meninas pareceram inafetadas pela presença ou ausência do pai.

#### 4.5. Comportamento Delinqüente

Hetherington (1972) afirma que estudos de meninas delinqüentes sugerem que a ausência paterna pode resultar em rupturas no comportamento heterossexual. Cita também a idéia de que meninas que têm se tornado delinqüentes são mais freqüentemente produto de um lar desfeito do que os meninos (Monahan, 1957 e Toby, 1957; *apud* Hetherington, 1972). Finalmente, relata os resultados de Cohen e Glaser (1965) de que a delinqüência feminina é mais freqüentemente devida a mau procedimento sexual.

Com base no conteúdo de grande número de pesquisas, Mussen et alii (1977) reportam as seguintes conclusões:

— meninos privados do pai apresentam-se significativamente mais inclinados a abandonar a escola e a se envolver em atividades delinqüentes;

— maior índice de delinqüência entre meninos, após a perda do pai, por morte, divórcio ou separação do casal, e que ficaram vivendo com suas mães; contrariamente, apenas um pequeno índice de delinqüência foi encontrado entre os meninos que permaneceram com o pai, após a perda da mãe;

— explicação de vários investigadores para a relação entre delinqüência e ausência do pai, segundo a qual a obstinação exacerbada, agressividade e crueldade de *gangs* delinqüentes refletiriam um esforço desesperado dos homens da cultura norte-americana, pertencentes à classe econômica baixa, como rebelião contra seu ambiente inicial superprotetor, afeminante e para descoberta de sua identidade masculina.

Convém explorar o estudo de Drayton (1978). Seu objetivo foi determinar se a ausência do pai teria influência no ajustamento social de delinqüentes juvenis violentos, institucionalizados por cortes juvenis. No geral, a média das meninas apresentou-se mais baixa do que a dos meninos em padrões sociais, tendências anti-sociais e relações familiares, parecendo indicar uma tendência para as meninas de ter um ajustamento social mais pobre. Considere-se, a propósito, a relação íntima existente entre mau ajustamento social e delinqüência.

#### 5. Substituição da Figura Paterna

Oportuno se faz considerar casos em que, diante da privação do pai, filhos de ambos os sexos podem contar com uma figura masculina, que venha a substituir a figura paterna.

Macdermott (1968) efetuou pesquisa, com amostra de 16 crianças (10 meninos e 05 meninas) com idade entre 03 e 05 anos, observadas durante o divórcio dos pais. O autor afirma que o professor ou professora, diante das dificuldades de contato da criança com um dos pais, pode ser considerado (a) pela mesma como pai substituto.

Estudando crianças negras pré-escolares privadas do pai, Matthews (1976) encontrou evidência de que, mesmo os pais de uma criança não vivendo juntos, numa mesma residência, a criança pode ter um alto grau de desenvolvimento do papel sexual e de identificação, caso ele interaja com outras figuras masculinas, ou irmãos mais velhos. Para o autor, os resultados do estudo indicam que a ausência ou presença do pai não é necessariamente o único determinante para uma medida consistente da identificação masculina do filho.

Dentre muitas outras citações apresentadas por Mussen et alii (1977) destaca-se a de Stoltz (1954), segundo a qual a ausência do pai, quando seguida de ulterior imposição de controle por um outro homem adulto, tende a produzir frustração e conflito, quanto à identificação sexual. Prosseguindo, citam Biller e Davids (1973) e Glueck (1950) sobre a importância do pai substituto — seja em termos de um segundo marido para a mãe, ou de atividades tais como escotismo e bandeirantismo — na possibilidade de uma contribuição na redução de incidência de comportamentos delinqüentes em meninos.

Earl e Lohmann (1978) executaram pesquisa com o propósito de verificar se meninos pretos, em idade latente, de lares com pai ausente, têm acesso a seus pais ou outros homens que possam servir de modelo de papel masculino. Os autores afirmam que diversas pesquisas passadas demonstraram:

— relação entre ausência do pai e comportamento delinqüente, baixo nível intelectual e equilíbrio emocional pobre;

— consequências negativas são mais freqüentemente atribuídas a famílias pretas do que a brancas, porque há a crença de que mais crianças negras crescem em lares sem pai.

Earl e Lohmann afirmam não concordar com o que foi dito acima, citando alguns outros estudos para fundamentar seu ponto de vista.

A amostra de sua pesquisa constitui-se de 53 meninos latentes — com idade de 07 a 12 anos, randomicamente selecionados de 03 subamostras de uma igreja predominantemente negra e da população de 02 instituições mantidas federalmente. Provinham de classes sociais baixa ou média e com pai ausente por separação, divórcio ou morte, estando a maioria dos pais já ausente por 04 anos ou mais. A metodologia utilizada foi a de entrevista com a mãe e com os filhos separadamente. Os resultados podem ser assim sintetizados:

— para pelo menos metade da amostra o contato com seu pai foi muito maior do que os estereótipos mencionados previamente poderiam levar a supor;

– as categorias masculinas apresentadas pelos meninos como modelo de papel foram parentes, companheiros ou namorados da mãe e outros modelos – não pertencentes à família, mas incluídos na comunidade negra local;

– os resultados encontrados indicaram que todos os meninos no estudo tiveram acesso a algum modelo de papel, o qual poderia, pelo menos potencialmente, servir como modelo masculino;

– os meninos que tinham limitado contato com o pai avaliaram outros homens – da família e da comunidade negra – como provedores para eles de amor e atenção;

– o estudo suportou a afirmação de Chestang (*apud* Earl e Lohamann, 1979) de que os homens com os quais as crianças negras podem se relacionar estão presentes, tanto na família negra como em sua comunidade;

– a ausência física do pai em si não evidenciou que ele tenha pouco interesse ou contato com sua família, podendo continuar a ter um importante papel no funcionamento da família, especialmente na percepção de seu filho;

– observação de esforços, tanto da mãe quanto dos filhos, de encontrar modelos de papel masculino, nos casos em que o pai está ausente de casa, física ou psicologicamente.

## 6. Conclusão

Imprescindível se faz, ao final da elaboração de um trabalho científico, estabelecer uma conclusão, na tentativa de destacar do seu conteúdo, aspectos que se constituam relevantes.

Não há como abordar ausência paterna sem desvinculá-la, por exemplo, do papel que é atribuído ao pai, num determinado contexto sócio-cultural e num dado segmento temporal. É, pois, necessário que isso seja considerado quando do planejamento de qualquer trabalho sobre privação do pai, mormente se constatar as inúmeras modificações que o mesmo vem sofrendo, em decorrência do rápido desenvolvimento das sociedades contemporâneas, da tentativa empreendida pela mulher para a conquista de um maior espaço no contexto sócio-cultural da atualidade e das características próprias de cada sociedade em particular.

Por outro lado, negar ao pai uma decisiva influência sobre os filhos revela-se inaceitável. Os próprios resultados das pesquisas estudadas comprovam claramente o quanto decisiva é a atuação dos pais junto a seus filhos.

Quanto a essas influências, constatou-se em linhas gerais:

– o papel do pai é importante não apenas como figura de identificação masculina, mas também como agente influente em inúmeras outras áreas do desenvolvimento mais abrangente do filho (ambos os sexos), tais como a aquisição de normas sociais, responsividade social, desempenho intelectual, ajustamento social e comportamento delinqüentes;

– a existência de influências específicas da ausência do pai para os filhos e para as filhas, além daquelas relacionadas a ambos os grupos;

– a importância da etapa de desenvolvimento em que se encontra o filho ou a filha, em termos dos efeitos que decorrerão da ausência do pai. Quanto mais cedo essa ocorrer, mais graves e decisivos serão os efeitos;

– os efeitos assumem características diversas, quando a ausência do pai se dá por morte, abandono, separação do casal, divórcio, presença intermitente do pai etc;

– a possibilidade de que o filho (ou a filha) consiga encontrar outras figuras masculinas que venham a substituir a do pai, podendo ser por homens da própria família do (a) filho (a), de companheiros, namorados ou segundo marido da mãe, ou por membros da comunidade à qual a criança pertença.

Conseguir discriminar, com segurança e exatidão, os efeitos diretos e ou indiretos relacionados à privação paterna, é outro aspecto de especial relevância, para a compreensão e atuação técnica adequadas junto ao problema. Isso porque, muitas vezes, problemas que afetam os filhos podem ser, numa situação de privação paterna, decorrentes não diretamente da mesma e, sim, de outros fatores, tais como o próprio comportamento da mãe, seu stress emocional etc.

Conveniente, outrossim, é tecer alguns comentários sobre as pesquisas estudadas, visto terem sido a fonte de informações aqui utilizadas. As críticas a seguir formuladas se referem, felizmente, apenas a algumas delas:

– os resultados apresentaram-se, por vezes, contraditórios, o que sugere a necessidade do empreendimento de novas pesquisas na área, com um maior controle de sua execução;

– grande parte dos resultados encontrados é formulada com base apenas interpretativa e até mesmo são apresentados incompletamente;

– várias pesquisas foram omisssas em comentários mais elaborados sobre os seus resultados, restringindo-se, quase simplesmente, a apresentá-los em dados brutos;

– a maioria das pesquisas refere-se a crianças latentes e do sexo masculino, relegando-se outras populações igualmente importantes, além da ausência de um número maior de estudos longitudinais. Esses últimos poderiam oferecer subsídios essenciais, de vez que, em se fazendo um acompanhamento mais completo da história do sujeito, elementos importantes para a compreensão do tema poderiam ser apurados;

– a inexistência de trabalhos sobre a ausência do pai feitos no Brasil, lacuna por demais lamentável para a compreensão do assunto e uma aplicação mais fundamentada dos resultados encontrados em outros países à nossa realidade sócio-cultural.

Por fim, há que se ressaltar ser o tema "Ausência do Pai" bem mais extenso do que como ora é apresentado. A proposta deste trabalho foi de apenas introduzir o assunto, no qual se procurou sintetizar os conhecimentos acessíveis, ao mesmo tempo em que seu conteúdo poderá se constituir ponto de partida para a execução de pesquisas futuras.

## 7. Referências Bibliográficas

- BEE, H.L. (ed.) *A criança em desenvolvimento*. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1977.
- BEISSINGER, T.P. The relationship of parental divorce, during adolescence, to self-concept. *Dissertation Abstracts International*, 37 (7-A): 4220, jan. 1977.
- BOONE, S.L. Effects of father's absence and birth order on aggressive behavior of young male children. *Psychological Reports*, 44 (3-pt.2): 1221-1229, jun. 1979.
- COX, M.J. The effects of father absence and working mothers on children. *Dissertation Abstracts International*, 36 (7-B): 3640-3641, jan. 1976.
- DRAYTON, E.L. The effect of father absence upon social adjustment of male and female institutionalized juvenile delinquents. *Dissertation Abstracts International*, 38(12-A): 7223, jun. 1978.
- EARL, L. & LOHMANN, N. Absent fathers and black male children. *Social Work*, 23 (5): 413-415, Set. 1978.
- FREED, R. The emotional attitudes experienced by children of divorce in relation of their parents. *Dissertation Abstracts International*, 1979(Jun), 39(12-A): 7522-7523, jun. 1979.
- FRENCH-WIXSON, J. Differences between father-absent and father-present fifth-grade boys in political socialization. *Dissertation Abstracts International*, 37 (10-A): 6337-6338, apr. 1977.
- HAILINE, L. & FELG, E. The correlates of childhood father absence in college-aged women. *Child Development*, 49(1): 37-42, mar. 1978.
- HETERINGTON, E.M. Effects of parental absence on sex typed behavior in black and white preadolescent males. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1: 87-91, 1960.
- , Effects of father absence on personality development in adolescent daughter. *Developmental Psychology*, 7: 313-326, 1972.
- LAMB, M. E. Paternal influences and the role. *American Psychologist*, 34(10): 928-943, oct. 1979.
- LAMBERT, W.W. & LAMBERT, W.E. *Psicologia social*. 3.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Zahar, 1972.
- MATTHEWS,, G.P. Father-absence and the development of masculine identification in black preschool males. *Dissertation Abstracts International*, 37 (3-A): 1458, Sep. 1976.
- MCDERMOTT Jr., J.F. Parental divorce in early childhood. *American Journal of Psychiatry*, 124(10): 1424-1432, apr. 1968.
- MORVAL, M. Drawings of the family by children deprived of the father. *Enfance*, 1: 37-46, jan./apr. 1975.
- MUSSEN, P.H., et alii. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1977.
- PEDERSON, F.A. et alii. Infant development in father absent families. *The Journal of Genetic Psychology*, 135(1): 51-61, sep. 1979.
- PIKINAS, J. *Desenvolvimento humano*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- SILVA, L.E.P. Princípios gerais de orientação familiar. In: KRYNSKI, S. (Coord.) *Psiquiatria infantil*. São Paulo, Sarvier, 1976. p. 103-108.
- WALLERSTEIN, J.S. & KELLY, J.B. The effects of parental divorce: experiences of the child in later lactence. *American Journal of Ortho-psychiatry*, 46(2): 256-269, apr. 1976.